

Interactivos Travessials

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

MONOTONGAÇÃO DO DITONGO DECRESCENTE ORAL [eɪ̃] NA FALA E NA LEITURA EM VOZ ALTA DE UNIVERSITÁRIOS SERGIPANOS¹

MONOPHTONGIZATION OF THE ORAL FALLING DIPHTHONG [eɪ̃] IN SPEECH AND IN A READING ALOUD TASK PERFORMED BY UNIVERSITY STUDENTS FROM SERGIPE

Victor Renê Andrade SOUZA²

RESUMO: A monotongação do ditongo decrescente oral [eɪ̃] já foi amplamente investigada em dados de fala no português brasileiro. Os estudos apontam uma forte influência do contexto seguinte ao ditongo constituído por [r] e pelas consoantes fricativas pós-alveolares [ʃ, ʒ] e sinalizam uma interferência do nível de escolarização do falante. Apesar da ampla descrição do fenômeno em dados de fala, os condicionamentos do processo foram pouco explorados na situação de leitura em voz alta. Diante disso, neste estudo analisamos a monotongação do ditongo decrescente oral [eɪ̃] na fala e na leitura em voz alta de 12 universitários sergipanos, com o objetivo de investigar se há diferença nos condicionamentos do processo nos diferentes contextos estilísticos. A categorização das variantes foi desenvolvida considerando a trajetória dos formantes, parâmetro acústico que caracteriza os ditongos acusticamente, por meio da inspeção visual do espectrograma de banda larga do Praat. Apesar das restrições da amostra de leitura em voz alta, os condicionamentos do processo seguiram a mesma direção em ambos os contextos, sobretudo no que diz respeito à influência do contexto seguinte ao ditongo constituído por *tepe* e pelas fricativas pós-alveolares.

PALAVRAS-CHAVE: Monotongação. Ditongo decrescente oral [eɪ̃]. Fala espontânea. Leitura em voz alta.

ABSTRACT: The monophthongization of the oral falling diphthong [eɪ̃] has been widely investigated in Brazilian Portuguese speech data. Studies reveal a strong influence of the following context composed of [r] and of post-alveolar fricative consonants [ʃ, ʒ] and signalize an interference of speaker's level of schooling. Despite the wide description in speech data, the constraints to the process have been little explored in reading aloud situations. Because of that, in this study, we analyzed the monophthongization of the oral falling diphthong [eɪ̃] in a reading aloud task performed by 12 university students from Sergipe, with the aim to investigate if there is a difference in the constraints of the process in different stylistic contexts. The categorization

1. Este artigo é um recorte de dissertação de mestrado defendida pela Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe e desenvolvida com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

2. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil. E-mail: victor.andrade573@gmail.com. ORCID: 0000-0003-0392-2839.

of the variants was developed considering the trajectory of the formants, an acoustic parameter that acoustically characterizes the diphthongs through the visual inspection of the wide-band spectrogram of Praat. Despite the restrictions in the reading aloud sample, the constraints to the process followed the same direction in both contexts, mostly concerning the influence of the following diphthong composed of tap and post-alveolar fricatives.

KEYWORDS: Mohonphthongization. Oral falling diphthong [eɪ]. Spontaneous speech. Reading aloud.

Introdução

A monotongação de [eɪ] consiste no apagamento da semivogal do ditongo, como em *cadeira ~ cadera, beijo ~ bejo, peixe ~ pexe*. O fenômeno é produtivo em diversas variedades do português brasileiro e já foi amplamente investigado em dados de fala espontânea (ARAUJO, 1999; LOPES, 2002; FARIAS, 2008; TOLEDO, 2011; HAUPT, 2011; AMARAL, 2013; CYSNE, 2016; SANTOS; ALMEIDA, 2017; FREITAS, 2017; SILVEIRA, 2019; SOUZA, 2020, dentre outros), e observado na situação de leitura em voz alta (HORA; AQUINO, 2012; MACHADO, 2018; FREITAG; SÁ, 2019; SOUZA; SILVA; ARAÚJO JÚNIOR, 2020; FREITAG, 2020a, 2020b, dentre outros).

Resultados de estudos de revisão sistemática (ARAUJO; VIEIRA, 2021; SOUZA, 2022) mostram que o fenômeno de monotongação nesse ditongo está associado principalmente ao contexto fonológico seguinte ao ditongo constituído por tepe [r] e pelas consoantes fricativas pós-alveolares [ʃ, ʒ]. Os estudos apontam ainda para uma interferência do nível de escolarização do falante, no sentido de que quanto maior o nível de escolarização, menor o percentual de monotongação, como efeito do contato com a norma escrita.

Em que pese a ampla descrição do processo no contexto de fala espontânea, os condicionamentos do processo foram pouco explorados na situação de leitura em voz alta. Estudos descreveram a transposição do fenômeno da fala para a de leitura em voz alta (HORA; AQUINO, 2012; MACHADO, 2018; FREITAG; SÁ, 2019; SOUZA; SILVA; ARAÚJO JÚNIOR, 2020; FREITAG, 2020a, 2020b), mas os condicionamentos do processo nesse contexto estilístico não foram investigados.

Diante disso, com o objetivo de ampliar a compreensão sobre o processo nesse contexto de maior monitoramento estilístico e de ampliar a descrição do fenômeno na variedade sergipana, na qual as investigações ainda são incipientes (MOTA, 1986; JESUS; SAN-

TOS; SANTOS, 2010), desenvolvemos uma análise comparativa entre a monotongação do ditongo decrescente oral [eɪ] na fala espontânea e na leitura em voz alta de universitários sergipanos, para investigar se há diferença nos condicionamentos do processo entre esses contextos estilísticos. Nossa hipótese é a de que a tendência dos fatores condicionantes será a mesma, mas a leitura conservará mais a semivogal devido interferência do ditongo ortográfico e por se tratar de uma situação de maior monitoramento estilístico.

Para testar nossa hipótese, analisamos dados de fala espontânea e de leitura em voz alta de 12 estudantes da Universidade Federal de Sergipe. Essas gravações integram a amostra *Deslocamentos 2020*, que compõe o Banco de Dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013). A categorização das variantes foi realizada através da inspeção visual da transição formântica (BARBOSA; MADUREIRA, 2015; SILVA *et al.*, 2019) por meio do espectrograma de banda larga do software Praat (BOERSMA, 2001), de modo a ratificar nossa impressão de oitiva.

No corpo deste texto, tratamos do processo de monotongação de [eɪ] em estudos prévios realizados em variedades do português brasileiro e em estudos sobre fenômenos fonológicos variáveis em situação de leitura em voz alta. Na sequência, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados, e por fim discutimos os resultados encontrados.

1. Panorama acerca da monotongação do ditongo decrescente oral [eɪ]

A monotongação de ditongos decrescentes orais já foi amplamente investigada em diversas regiões dialetais do Brasil. Os estudos, apesar de contemplarem diferentes variedades do português brasileiro, consideram parâmetros e recortes metodológicos distintos (investigam todos os ditongos conjuntamente ou apenas um), o que é pouco colaborativo para a construção de um panorama abrangente.

Uma maneira de consolidar evidências é através da implementação de revisão sistemática, em que estudos são selecionados com base em parâmetros pré-estabelecidos com o objetivo de responder a uma pergunta de pesquisa. Especificamente em sociolinguística, abordagens como essa podem “[...] auxiliar na consolidação de evidências para uma explicação sobre processos de mudança [...]” (ARAUJO; FREITAG, 2021, p. 276), como no caso da concordância verbal (ARAUJO; FREITAG, 2021) e da variação na primeira pessoa do plural (MENDONÇA, 2022).

Estudos de revisão sistemática (ARAUJO; VIEIRA, 2021; SOUZA, 2022) já foram realizados sobre o fenômeno de monotongação do ditongo decrescente oral [eɪ] no portu-

guês brasileiro e, apesar de diferentes percursos metodológicos e de escopos de análises distintos, os resultados acerca dos condicionamentos do fenômeno são convergentes.

Os resultados dos estudos apontam que a monotongação de [eɪ] é condicionada principalmente pelo contexto fonológico seguinte ao ditongo constituído por tepe [r], como em *cadeira* ~ *cadera* ([ka.'deɪ.rə] ~ [ka.'de.rə]), e, com menor força, por consoantes fricativas pós-alveolares [ʃ, ʒ], como em *beijo* ~ *bejo* ([*beɪ.ʒu] ~ [*be.ʒu]). Sobre este processo, Duarte e Paiva (2011) sugerem, inclusive, que essa motivação fonética do contexto seguinte pode ser generalizada, de modo que resultados observados a partir do estudo de uma comunidade de fala se estendem à outra.

Conforme explica Bisol (2012), isso ocorre porque o ditongo [eɪ] seguido de tepe e de fricativas pós-alveolares é leve, constituído na estrutura subjacente por apenas uma vogal. Por conseguinte, o apagamento da semivogal nesses contextos não implica em mudança de sentido: *peixe* ~ *pexe*. Em outros ambientes, por sua vez, o ditongo é tido como pesado e, portanto, invariável, como por exemplo em fim de verbo, em que o apagamento da semivogal implica em mudança de significado, como *feito* ~ *feto*, por exemplo.

Além da variável contexto seguinte, os resultados dos estudos de revisão sistemática destacam a influência das variáveis classe gramatical, extensão do vocábulo e valor gramatical. A classe gramatical dos não-verbos tende a favorecer a monotongação de [eɪ] enquanto os verbos estão associados à preservação da semivogal do ditongo (SOUZA, 2022). Quanto à variável extensão do vocábulo, as palavras monossílabas desfavorecem o processo. Os resultados relativos à variável valor gramatical apontam que a monotongação ocorre com mais frequência em radicais, quando o ditongo não possui valor morfêmico (ARAUJO; VIEIRA, 2021).

Apesar de fortemente influenciada por fatores estruturais, a monotongação de [eɪ] é sensível ao nível de escolarização do falante. Os percentuais de monotongação são próximos nos diferentes níveis de escolarização, mas os resultados dos pesos relativos apontam que o percentual de monotongação decresce com o aumento do nível de escolarização (ARAUJO, 1999; LOPES, 2002; CYSNE, 2016; ARAUJO; PEREIRA, ALMEIDA, 2017). Os autores argumentam que existe uma interferência do contato com a norma escrita (SCHWINDT *et al.*, 2007), em que o ditongo é preservado.

Diante disso, percebe-se que já há uma descrição ampla acerca das motivações do fenômeno de monotongação em dados de fala espontânea no português brasileiro. Entretanto, os condicionamentos do processo foram pouco explorados em situação de maior monitoramento estilístico, como a leitura em voz alta.

2. Monotongação na leitura em voz alta

A transposição de fenômenos recorrentes na fala para a leitura em voz alta está relacionada à consciência social atrelada aos traços linguísticos, de modo que traços sem sensibilidade social são altamente permeáveis no contexto de leitura em voz alta, enquanto processos socialmente estigmatizados são barrados nesse contexto (FREITAG, 2020b). Além disso, tem interessado ao campo da sociolinguística a associação entre a transposição de traços variáveis da fala para a leitura e o sucesso em compreensão de leitora (FREITAG; SÁ, 2019).

Como a monotongação de ditongos decrescentes orais não é sensível à avaliação social (ARAUJO; BORGES, 2018), o fenômeno é permeável na situação de maior monitoramento estilístico da leitura em voz alta (HORA; AQUINO, 2012; MACHADO, 2018; FREITAG; SÁ, 2019; SOUZA; SILVA; ARAÚJO JÚNIOR, 2020; FREITAG, 2020). No entanto, os condicionamentos do processo foram pouco explorados nesse contexto.

Hora e Aquino (2012) investigaram três processos variáveis – monotongação, ditongação e apagamento do fonema /d/ no segmento /Ndo/ – na fala e na leitura em voz alta de 30 estudantes do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do estado da Paraíba. Os autores observaram que os processos fonológicos menos estigmatizados e já consolidados na fala espontânea, como a monotongação do ditongo [ou], são mais recorrentes na leitura em voz alta de leitores hábeis, não interferindo na compreensão leitora. Os fenômenos mais estigmatizados, por seu turno, foram barrados pelo contexto mais monitorado da leitura em voz em alta.

Machado (2018) analisou a transposição dos fenômenos variáveis de monotongação dos ditongos [ou] e [eɪ], apagamento do /R/ em coda silábica e concordância nominal da fala para a leitura em voz alta, em uma amostra de 74 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas de Sergipe. Como resultados, os processos de monotongação dos ditongos (79%) e do apagamento do /R/ em coda final de sílaba (60%) foram fenômenos transpostos da fala para a leitura em voz alta, evidenciando que traços sociolinguísticos pouco marcados e de uso gradual na fala espontânea sugerem o acesso à rota lexical na leitura, pois as palavras são produzidas de acordo com o repertório sociolinguístico do leitor.

Freitag e Sá (2019) correlacionaram leitura em voz alta, variação linguística e sucesso na aprendizagem de leitura oral. O estudo aponta que leitores que transpõem traços linguísticos variáveis da fala para a leitura em voz alta, como a monotongação de ditongos decrescentes, foram os que obtiveram maior sucesso no teste de compreensão leitora. Diante disso, os pesquisadores corroboram a hipótese de que a transposição de traços variáveis da fala para a leitura não indica erro, mas pistas de leitores hábeis e proficientes.

Souza, Silva e Araujo Júnior (2020) e Freitag (2020b) analisaram fenômenos fonológicos da fala na leitura em voz alta de estudantes da Universidade Federal de Sergipe. Souza, Silva e Araujo Júnior (2020) observaram um percentual de 65,2% de monotongação, apesar de terem analisado todos os ditongos conjuntamente, o que pode ter comprometido a generalização dos resultados, já que o processo tem comportamento distinto por ditongo. Na mesma amostra, Freitag (2020b) constatou elevados percentuais do processo de monotongação e observou baixo percentual de correção, o que indica que o processo não é sensível à avaliação social e não está no nível da consciência do falante.

Apesar desses estudos descreverem a ocorrência do fenômeno de monotongação de [eɪ] na leitura em voz alta, os condicionamentos do processo nesse contexto estilístico não foram investigados. O objetivo dos estudos desenvolvidos foi mais o de observar a transposição de traços variáveis da fala para a leitura em voz alta do que descrever os condicionamentos do processo nesse contexto. Diante dessa lacuna, analisamos a monotongação do ditongo decrescente oral [eɪ] na fala e na leitura em voz alta, com vistas a observar se os condicionamentos do processo seguem a mesma tendência nos dois contextos estilísticos.

3. Método

Selecionamos 12 entrevistas sociolinguísticas e leituras em voz alta realizadas com estudantes da Universidade Federal de Sergipe (UFS), todos residentes na capital do estado de Sergipe, Aracaju, a fim de comparar a ocorrência do fenômeno em dois contextos estilísticos (fala espontânea e leitura em voz alta). O *corpus* integra a amostra *Deslocamentos 2020*, que compõe o Banco de Dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013).

Ao final do procedimento de entrevista sociolinguística, os falantes foram instados a realizar a leitura em voz alta da crônica *Vida de cinema*³, de Luís Fernando Veríssimo. O texto, com 358 palavras, foi selecionado pela temática aderente ao público-alvo e por conter gatilhos para fenômenos fonológicos variáveis, como o de monotongação de ditongos decrescentes orais aqui analisado.

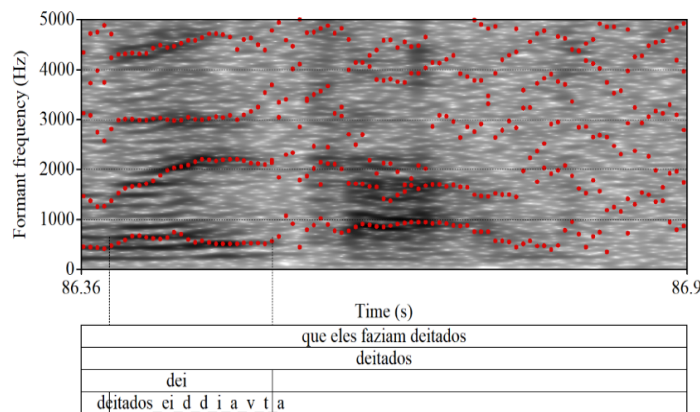
Na categorização das variantes, consideramos a monotongação por meio do exame da trajetória dos formantes, parâmetro acústico que caracteriza os ditongos (BARBOSA; MADUREIRA, 2015; SILVA *et al.*, 2019). A inspeção visual foi realizada através do *software*

3. O texto foi publicado no jornal O Globo em 31 de julho de 2014 e está disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/vida-de-cinema-13437047>.

de análise acústica Praat (BOERSMA, 2001), que possibilita o exame de aspectos físicos do som. A adoção de parâmetros pré-estabelecidos visa restringir efeitos da subjetividade do pesquisador e minimizar erros humanos (SILVA, 2021).

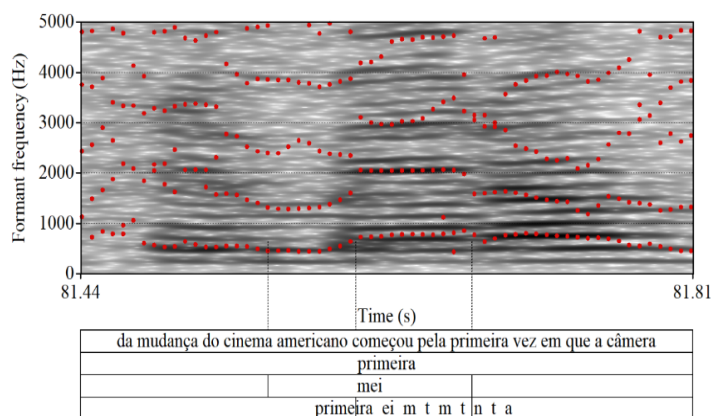
Considerem-se as figuras 1 e 2, a seguir, que representam um ditongo [eɪ] preservado e um ditongo [eɪ] monotongado vistos através do espectrograma de banda larga do Praat, que “registra, no eixo das abscissas, os instantes de tempo – medidos em segundos – e, no eixo das ordenadas, as frequências que compõem a onda sonora – medidas em hertz” (SILVA *et al.*, 2019, p. 68).

Figura 1 – Espectrograma, traçado LPC (vermelho) e segmentação do ditongo preservado [eɪ] na palavra deitados.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 2 – Espectrograma, traçado LPC (vermelho) e segmentação do ditongo monotongado [eɪ] na palavra primeira.



Fonte: Elaboração própria.

Observe-se o percurso dos traços vermelhos pontilhados (indicativos dos valores da frequência dos formantes) na área do espectrograma. Consideramos o aumento nos valores de F2 como indicio de transição formântica da vogal à semivogal. No ditongo

preservado, visto na Figura 1, conseguimos perceber a transição formântica da vogal à semi-vogal através da subida dos valores de F2, representada pelo movimento ascendente da linha vermelha pontilhada. No caso do ditongo monotongado, os valores de F1 e F2 se mostram estáveis, com um padrão estacionário (Figura 2).

Para anotação dos ditongos no Praat, criamos quatro camadas de intervalo. A primeira diz respeito à transcrição do excerto da entrevista sociolinguística realizada no ELAN. A segunda corresponde ao item lexical que contém o ditongo. A terceira, à sílaba em que o ditongo ocorreu; e, por fim, a quarta camada refere-se à segmentação do ditongo e à etiquetagem de realização do fenômeno, categorizado em relação às variáveis controladas neste estudo.

Após segmentação e anotação no Praat, o *script* AnalyseTier (HIRST, 2012) extraiu as informações relativas às variáveis, e os dados foram codificados numa planilha eletrônica e submetidos à análise estatística descritiva e inferencial. A visualização gráfica dos resultados foi desenvolvida com o pacote ggstatsplot (PATIL, 2021) no RStudio, uma interface do pacote estatístico R (R CORE TEAM, 2014). Desenvolvemos uma análise comparativa entre os dois contextos estilísticos (fala espontânea e leitura em voz alta), para observar se a mesma tendência dos condicionantes na fala ocorre na leitura em voz alta.

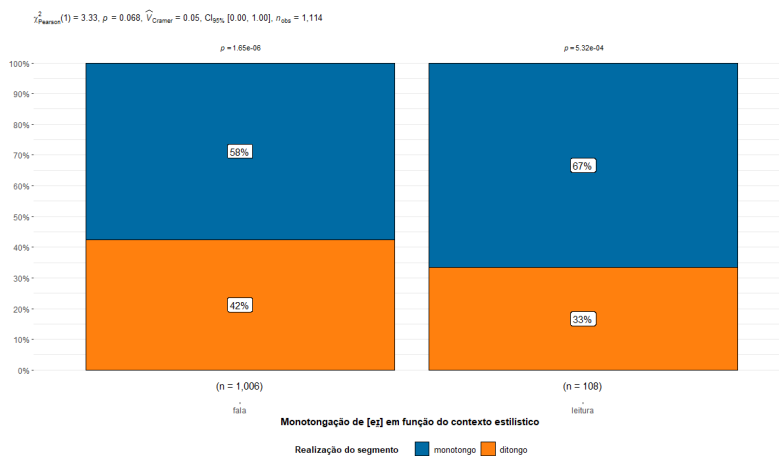
As amostras de leitura em voz alta e de fala espontânea possuem tamanhos distintos. Na amostra de leitura em voz alta, há controle sobre os contextos esperados, tendo em vista que o ditongo [eɪ] ocorreu no texto lido pelos universitários em nove itens: *passageira*, *beijava*, *deitado*, *primeira*, *deitados*, *beijo*, *seio*, *dinheiro* e *invisíveis* (n = 108). Na amostra de fala, por sua vez, o controle é menor, já que se trata de produção linguística livre. Para poder realizar a comparação dos efeitos condicionantes entre os contextos estilísticos, filtramos, na fala, itens com o ditongo na mesma estrutura silábica dos itens constantes no texto lido pelos estudantes (CVV e CVVC).

Analisamos, em função dos dois contextos estilísticos controlados, a distribuição da variável dependente (ditongo, monotongo) quanto às variáveis linguísticas contexto seguinte, classe gramatical, extensão do vocábulo, valor gramatical e tipo de sílaba, e da variável social tempo no curso de graduação, a fim de testar efeitos de escolarização.

4. Resultados e discussões

Considerando as duas situações estilísticas analisadas, não há diferença estatisticamente significativa entre as taxas de monotongação de [eɪ] quanto ao contexto estilístico (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Monotongação de [eɪ] quanto ao contexto estilístico.

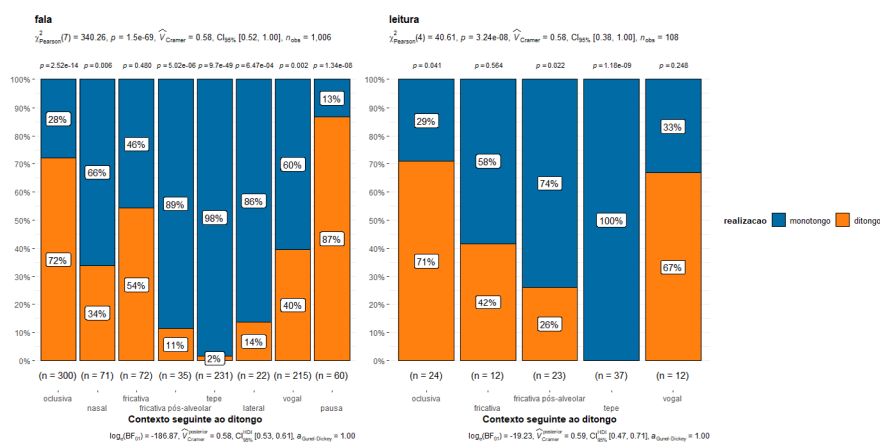


Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar no gráfico 1, a monotongação do ditongo decrescente oral [eɪ] ocorreu tanto nos dados de fala espontânea quanto nos de leitura em voz alta. Apesar de os maiores percentuais de monotongação desse ditongo terem sido em situação de leitura em voz alta (67%) quando comparados com a fala (58%), os resultados do teste estatístico mostram que não há associação entre o fenômeno e as situações estilísticas controladas ($X^2 = 3.33(1)$, $p = 0.068$, $V^2 = 0.05$). Isso pode ser explicado devido ao forte condicionamento dos fatores linguísticos, que atuam independentemente da situação estilística.

Dada a forte influência da variável contexto seguinte ao ditongo, testamos se a associação ocorre do mesmo modo nas duas situações estilísticas (Gráfico 2). Cabe destacar que, na amostra de fala espontânea, a diversidade de contextos seguintes ao ditongo foi maior do que na amostra de leitura em voz alta – mais restrita.

Gráfico 2 – Monotongação de [eɪ] na fala e na leitura em voz alta quanto ao contexto seguinte ao ditongo.



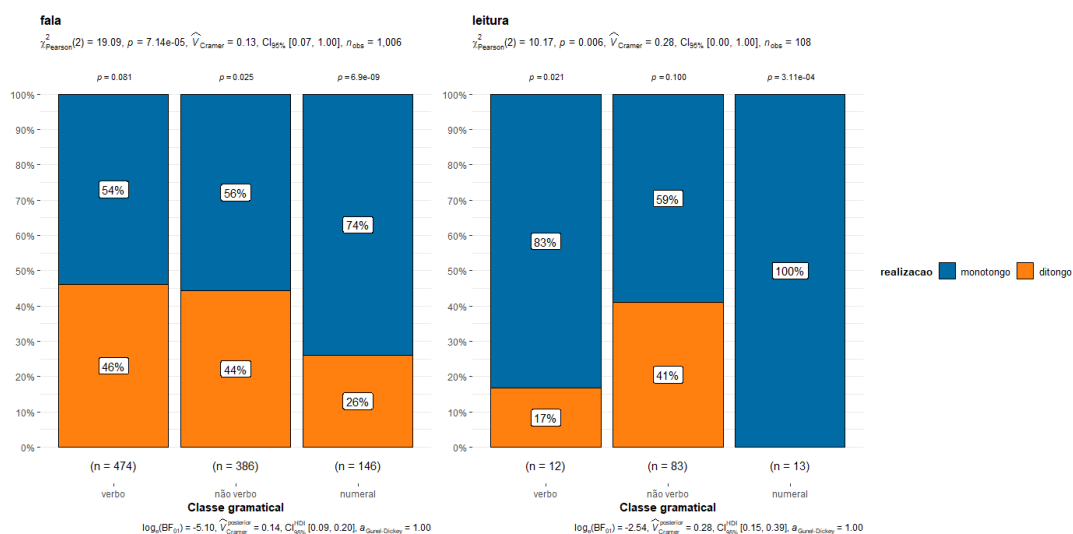
Fonte: Elaboração própria.

Os resultados do teste estatístico apontam que há associação forte entre o contexto seguinte e a monotongação de [eɪ] tanto na fala ($X^2 = 340.26(7)$, $p = 1.5e-69$, $V^2 = 0.58$) quanto na leitura em voz alta ($X^2 = 40.61(4)$, $p = 3.24e-08$, $V^2 = 0.58$). O tepe [r] e as fricativas pós-alveolares [ʃ, ʒ] foram os contextos seguintes que mais favoreceram a monotongação desse ditongo em ambas as situações estilísticas. Na fala (98%) e na leitura em voz alta (100%), o percentual de monotongação diante de tepe foi categórico. Os resultados em relação às fricativas pós-alveolares seguiram a mesma direção, com maiores percentuais na fala (89%) do que na leitura em voz alta (74%).

Depois do tepe e das fricativas pós-alveolares, as taxas de monotongação na fala foram superiores ao da preservação da semivogal diante de lateral (86%), de nasal (66%) e de vogal (60%). Nos demais fatores, a preservação da semivogal foi superior à monotongação: pausa (97%), oclusiva (72%) e fricativa (54%). Na leitura em voz alta, a monotongação prevaleceu em contexto constituído por consoante fricativa (58%). Diante de oclusiva (71%) e de vogal (67%) a taxa de preservação da semivogal foi superior à de monotongação.

A classe gramatical da palavra em que o ditongo ocorre foi uma variável considerada significativa em estudos prévios. Os resultados dessas investigações apontam que a classe dos não-verbos favorece a monotongação de [eɪ] (FARIAS, 2008; TOLEDO, 2011; AMARAL, 2013; CYSNE, 2016; SANTOS; ALMEIDA, 2017; SILVEIRA, 2019), em detrimento dos verbos, que inibem o fenômeno. Para esse ditongo, consideramos, além dos fatores verbo e não-verbo, a categoria numeral, pois observamos uma tendência de favorecimento da monotongação de [eɪ] nessa classe especificamente (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Monotongação de [eɪ] na fala e na leitura em voz alta quanto à classe gramatical.



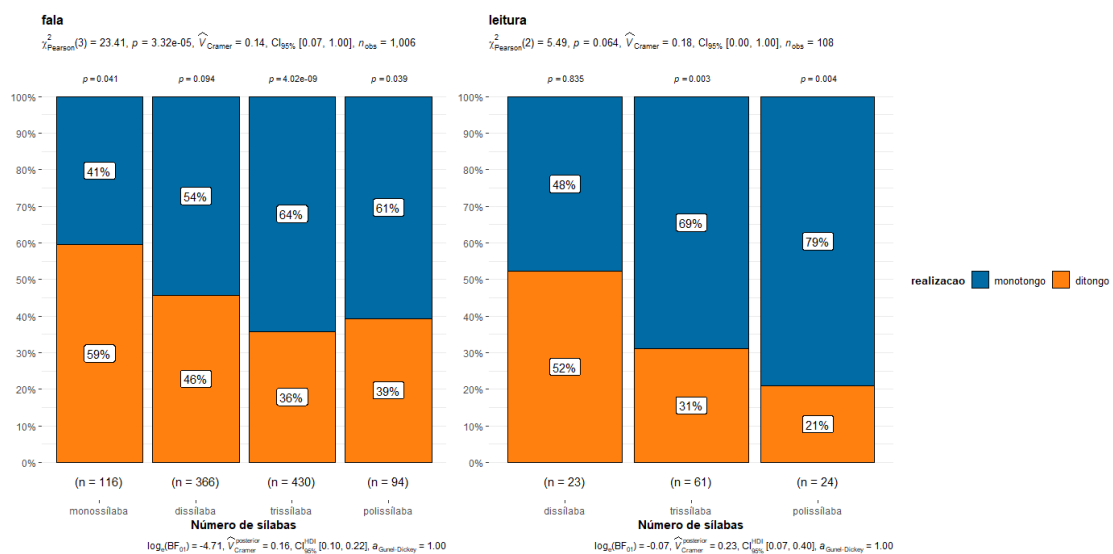
Fonte: Elaboração própria.

Os resultados apontam uma associação fraca entre essa variável e o processo de monotongação de [eɪ] tanto na fala ($X^2 = 19.09(2)$, $p = 7.14e-05$, $V^2 = 0.13$) quanto na leitura em voz alta ($X^2 = 10.17(2)$, $p = 0.006$, $V^2 = 0.28$). Em ambos os contextos, a classe gramatical dos numerais foi a que mais monotongou. Na fala, o percentual foi de 74% e, na leitura em voz alta, a monotongação foi categórica (100%). Na leitura em voz alta, o item *primeira* é o único numeral, e nele o ditongo [eɪ] está em um ambiente propício à monotongação, diante de tepe; na fala, controlamos os itens com estrutura silábica CVV e CVVC, ou seja, a diversidade de numerais é maior. Itens como *seis*, em que o ditongo tende a ser preservado, pode estar influenciando o percentual de preservação do ditongo nesse contexto.

Na fala, não há diferença estatisticamente significativa nos outros fatores. Na classe dos não-verbos o percentual de monotongação foi de 56% e nos verbos, 54%. Nos resultados relativos à leitura em voz alta, a alta frequência de monotongação nos verbos (83%) precisa ser explicada. O único verbo com o ditongo [eɪ] constante no texto lido pelos estudantes da amostra é *beijava*; nesse verbo, o ditongo encontra-se num ambiente propício à monotongação, sucedido de fricativa pós-alveolar. E, como já vimos, nos dados de fala, a variedade de verbos é superior a esse contexto, contemplando verbos como *sei*, *falei*, em que a preservação da semivogal é a tendência.

Os resultados quanto à influência do número de sílaba na monotongação de [eɪ] são apresentados no Gráfico 4, a seguir.

Gráfico 4 – Monotongação de [eɪ] na fala e na leitura em voz alta quanto ao número de sílabas.

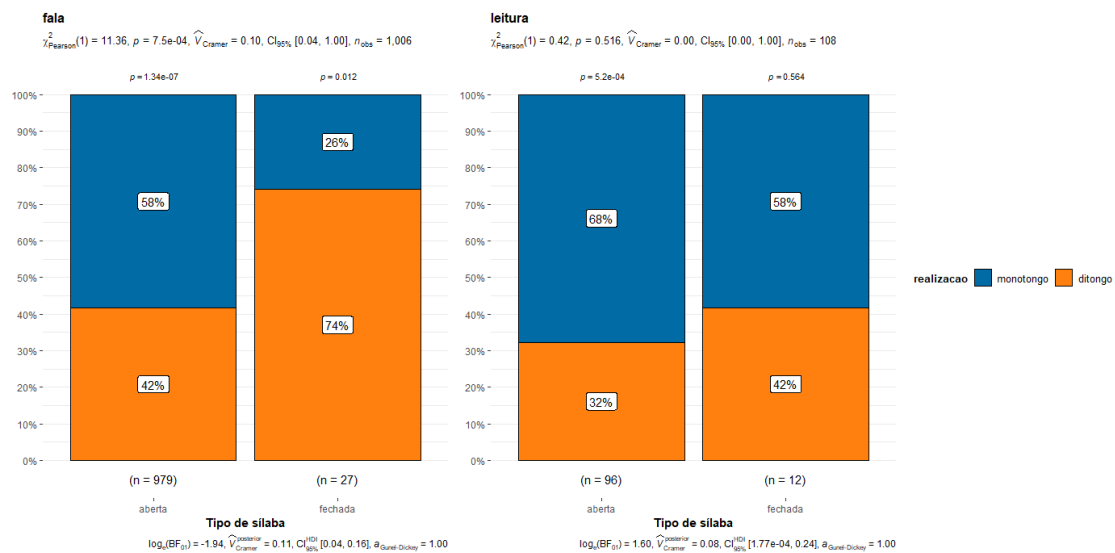


Como podemos observar no gráfico 4, na fala há uma associação fraca entre a monotongação e o número de sílabas ($X^2 = 23.41(3)$, $p = 3.32e-05$, $V^2 = 0.14$). Os maiores percentuais de monotongação ocorreram em palavras trissílabas (64%), seguidas das polissílabas (61%) e das dissílabas (54%). Nas palavras monossílabas, o percentual de monotongação foi menor do que o da preservação do ditongo (41%).

Na leitura em voz alta, não foi observada diferença estatisticamente significativa entre a monotongação de [eɪ] e os fatores controlados ($X^2 = 5.49(2)$, $p = 0.064$), mas, proporcionalmente, a monotongação foi mais frequente em palavras polissílabas (79%), seguidas das trissílabas (69%) e das dissílabas (48%).

Os resultados em relação à variável tipo de sílaba seguiram a mesma tendência nos dois contextos estilísticos, apesar do resultado do teste estatístico confirmar a associação apenas nos dados de fala espontânea (Gráfico 5). Controlar essa variável é importante porque a maioria dos estudos atestaram a monotongação de [eɪ] sem considerar o tipo de sílaba. Haupt (2011) considerou essa variável, mas não encontrou associação com o processo.

Gráfico 5 – Monotongação de [eɪ] na fala e na leitura em voz alta em relação à variável tipo de sílaba.

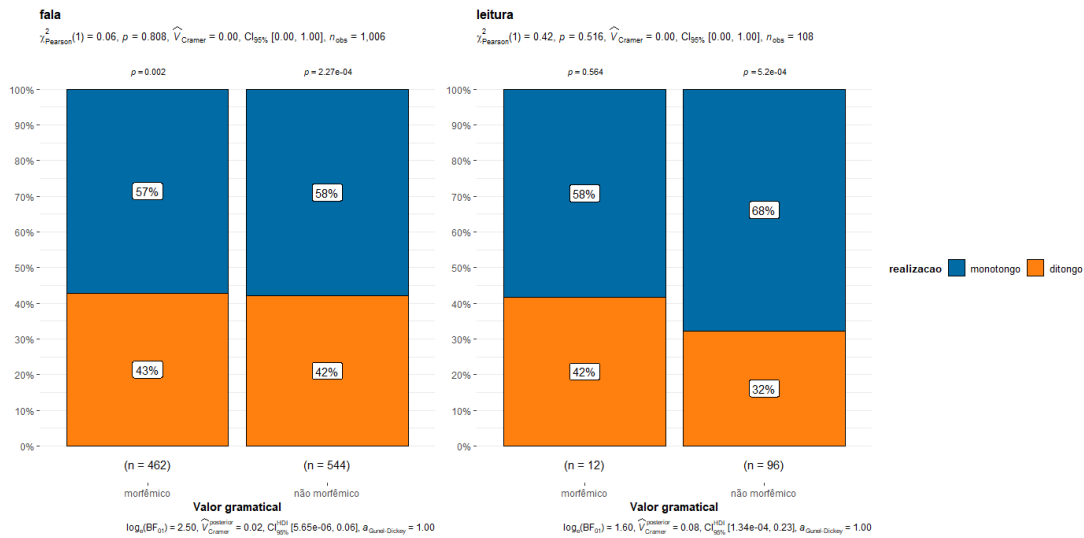


Fonte: Elaboração própria.

Na fala, a maior taxa de monotongação foi em sílaba aberta (58%); em sílabas fechadas o percentual foi de 26%. Essa diferença é estatisticamente significativa ($X^2 = 11.36(1)$, $p = 7.5e-04$), com associação fraca ($V^2 = 0.10$). Na leitura em voz alta, os resultados seguiram a mesma tendência: a monotongação foi maior em sílaba aberta (68%) do que em sílaba fechada (58%), mas essa diferença não é estatisticamente significativa ($X^2 = 0.42(1)$, $p = 0.516$).

Tanto na fala quanto na leitura em voz alta não foi observada associação entre o valor gramatical e a monotongação de [eɪ] (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Monotongação de [eɪ] na fala e na leitura em voz alta quanto ao valor gramatical.

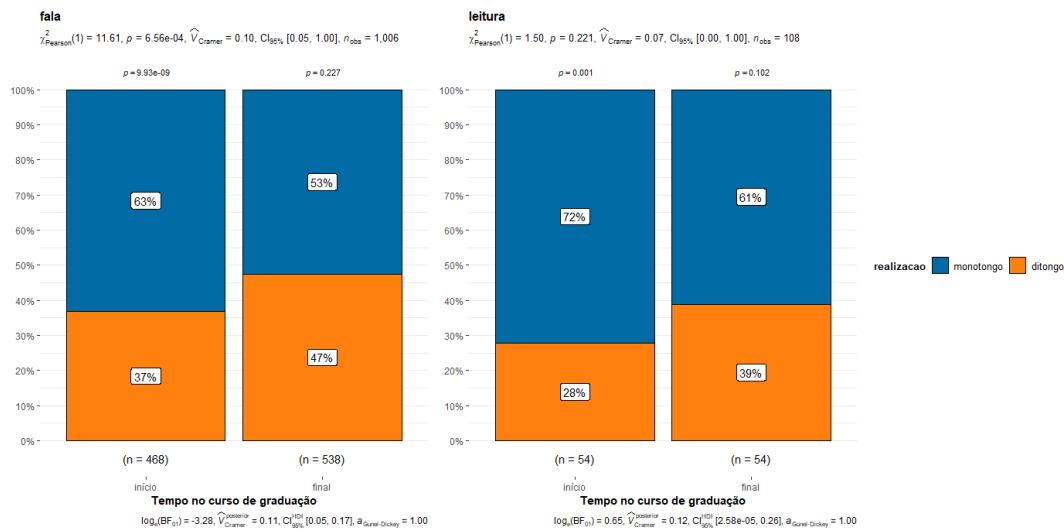


Fonte: Elaboração própria.

Na fala, os percentuais de monotongação em ambiente não morfêmico (58%) e morfêmico (57%) não apresentaram diferença estatisticamente significativa ($X^2 = 0.06(1)$, $p = 0.808$). Na leitura, os resultados vão na mesma direção, proporcionalmente, a monotongação é maior em ambiente não morfêmico (68%) do que em ambiente morfêmico (58%), apesar de a diferença também não ser estatisticamente significativa ($X^2 = 0.42(1)$, $p = 0.516$).

A amostra *Deslocamentos 2020* controla o tempo do estudante no curso de graduação, se nos períodos iniciais ou finais do curso. Essa variável não é equivalente à tradicional variável escolarização, mas pode sinalizar o efeito do contato com ambiente universitário sobre os usos linguístico dos estudantes (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Monotongação de [eɪ] na fala e na leitura em voz alta quanto ao tempo no curso.



Fonte: Elaboração própria.

A variável tempo no curso de graduação está associada à monotongação de [eɪ] apenas nos dados de fala espontânea. Apesar disso, proporcionalmente, os maiores percentuais do fenômeno ocorreram em estudantes do início do curso em ambos os contextos estilísticos. Na fala, a monotongação foi maior em falantes do início do curso (63%) do que em falantes do final do (53%), e essa diferença é estatisticamente significativa ($X^2 = 11.61(1)$, $p = 6.56e-04$), com associação fraca ($V^2 = 0.10$). A mesma tendência foi confirmada nos dados de leitura em voz alta: em estudantes do início do curso (72%) a monotongação foi maior do que em estudantes do final (61%), apesar dessa diferença não ser estatisticamente significativa ($X^2 = 1.50(1)$, $p = 0.221$). Esse resultado segue a tendência observada em outros estudos sobre esse ditongo (ARAÚJO, 1999; LOPES, 2002; CYSNE, 2016; ARAÚJO; PEREIRA, ALMEIDA, 2017), de que quanto maior a escolarização menor o percentual de monotongação; no caso específico da amostra analisada, quanto maior o avanço no curso de graduação, menores os percentuais de monotongação.

Considerações finais

A análise comparativa realizada permitiu observar se há diferenças entre as taxas de monotongação de [eɪ] em função do contexto estilístico, e se os condicionamentos do processo seguem a mesma tendência em ambas as situações, considerando a interferência do ditongo ortográfico e do contexto de maior monitoramento estilístico da leitura em voz alta.

Os resultados mostraram que a monotongação do ditongo [ej] não é sensível à situação estilística, ocorrendo tanto na fala quanto na leitura em voz alta. Em relação aos fatores condicionantes do processo, i) o contexto seguinte ao ditongo constituído por tepe e por fricativas pós-alveolares foi o fator que mais favoreceu o fenômeno nas duas situações estilísticas; ii) a classe gramatical dos numerais foi a que mais monotongou nos dois contextos considerados; iii) as palavras mais extensas favoreceram a redução do ditongo nas duas situações estilísticas; iv) a monotongação foi maior em sílaba aberta do que em sílaba fechada; e v) os maiores percentuais do fenômeno ocorreram em estudantes do início do curso em ambos os contextos estilísticos.

A restrição da amostra de leitura em voz alta é um fator que precisa ser levado em consideração na análise dos fatores condicionantes, tendo em vista as restrições da amostra de leitura em voz alta e a assimetria no controle dos fatores controlados. A ampliação da amostra e controle de contextos mais pareados pode aumentar o poder explanatório da análise.

Referências

AMARAL, Marisa Porto do. Ditongos variáveis no sul do Brasil. *Letras de Hoje*, v. 40, n. 3, 6 maio 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13697>. Acesso em: 01 set. 2020.

ARAUJO, Maria Francisca Ribeiro de. *A alternância de [ej] ~ [e] no português falado na cidade de Caxias, MA*. 134 f. 1999. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1999. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_ffe16af0f7b00a35d1b0a5fdebff58a4. Acesso em: 26 abr. 2021.

ARAUJO, Andréia Silva; BORGES, Damiana Karina Vieira. Atitudes linguísticas de estudantes universitários: o fenômeno da monotongação em foco. *Tabuleiro de Letras*, v. 12, n. 3, p. 97-113, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5569>. Acesso em: 01 set. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.35499/tl.v12i0.5569>.

ARAUJO, Aluiza Alves de; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa; ALMEIDA, Brenda Kathellen Melo de. Uma fotografia variacionista da monotongação do ditongo [ej] nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *Miguilim-Revista Eletrônica do Netlli*, v. 6, n. 2, p. 265-284, 2017. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/1367>. Acesso: 26 abr. 2021.

ARAUJO, Gabriel Antunes de; VIEIRA, Nancy Mendes Torres. The Diphthong <ei> in Variationist Studies of Brazilian Portuguese: A Systematic Literature Review. *Languages*, v. 6, n. 2, p. 1-19, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/languages6020087>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2226-471X/6/2/87/htm>. Acesso em: 16 set. 2021.

ARAUJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. Concordância verbal, difusão da mudança linguística no contínuo rural-urbano e mudança em curto espaço de tempo. *Working Papers em Linguística*, v. 22, n. 2, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2021.e76094>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/76094>. Acesso em: 25 fev. 2023.

BARBOSA, Plínio A.; MADUREIRA, Sandra. *Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português*. São Paulo: Cortez, 2015.

BISOL, Leda. Ditongos derivados: um adendo. In: LEE, Seung Hwa (Org.). *Vogais além de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/site/elibros.asp>. Acesso em: 8 jun. 2021.

BOERSMA, Paul. Praat, a system for doing phonetics by computer. *Glott International*, v. 5, n. 9-10, p. 341-345, 2001.

CYSNE, Marcus Rodney Portela. *A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza*. 102 f. 2016. Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2016. Disponível em: http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/Dissertac%CC%A7a%CC%83o_Marcus-Portela.pdf. Acesso em: 26 abr. 2021.

DUARTE, Maria Eugenia; PAIVA, Maria da Conceição. A variação linguística e o papel dos fatores linguísticos. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 3, p. 91-120, 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1087>. Acesso em: 01 set. 2021.

FARIAS, Maria Adelina Rodrigues. *Distribuição Geo-Sociolingüística do ditongo <ej> no português falado no estado do Pará*. 2008. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Pará, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2644>. Acesso em: 26 abr. 2021.

FREITAG, Raquel Meister Ko; SÁ, José Junior de Santana. Leitura em voz alta, variação linguística e o sucesso na aprendizagem inicial da leitura. *Ilha do Desterro [online]*. 2019, v. 72, n. 3, p. 41-62. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2019v72n3p41>. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2019v72n3p41>. Acesso em: 25 jan. 2022.

FREITAG, Raquel Meister Ko. A sociolinguística da leitura. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 13, n. 4, p. 1-13, 2020a. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2020.4.37508>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/37508>. Acesso em: 24 ago. 2021.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Reparos na leitura em voz alta como pistas de consciência sociolinguística. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada [online]*. v. 36, n. 2, 2020b. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460X2020360206>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-460X2020360206>. Acesso em: 24 ago. 2021.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Banco de dados falares sergipanos. *Working Papers em Linguística*, v. 14, n. 2, p. 156-164, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2013v14n2p156/0>. Acesso em: 02 set. 2020.

FREITAS, Bruna Faria Campos de. *Estudo da monotongação dos ditongos orais decrescentes na fala Uberabense*. 76 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2017. Disponível em: <https://linkss.app/aivGC>. Acesso em: 26 abr. 2021.

HAUPT, Carine. *O fenômeno da monotongação nos ditongos [aj, ej, oj, uj] na fala dos florianopolitanos: uma abordagem a partir da fonologia de uso e da teoria dos exemplares*. 212 f. 2011. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, SC, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95789>. Acesso em 21 abr. 2021.

HIRST, Daniel. *Analyse tier PRAAT script*, 2012. Disponível em: <https://github.com/gaozhiyan/praatScripts/blob/master/scripts.praat>. Acesso em: 01 de dez. 2019.

HORA, Dermeval da; AQUINO, Maria de Fátima S. Da fala para a leitura: análise variacionista. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 56, n. 3, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4986/0#:~:text=Os%20dados%20analizados%20apontam%20uma,daquilo%20que%20a%20escola%20preconiza>. Acesso em: 02 set. 2020.

JESUS, Agnaldo Almeida de; SANTOS, Cristiane dos; SANTOS, Moniza de Oliveira. O processo de monotongação na fala dos estudantes universitários–UFS/Itabaiana: uma abordagem sociolinguística. In: Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura, Itabaiana/SE, 2010. *Anais [...]*. ANAIS ELETRÔNICOS ENILLNILL, v. 1, 2010. Disponível em: l1nq.com/ACck4. Acesso em: 02 set. 2020.

LOPES, Raquel. *A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, 2002.

MACHADO, Alessandra Pereira Gomes. Variação linguística e leitura: fenômenos variáveis da fala na leitura em voz alta. *A Cor das Letras*, v. 19, n. 4, p. 196-218, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.13102/cl.v19i4Especial.2867>. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/2867>. Acesso em: 02 set. 2020.

MENDONÇA, Josilene de Jesus. O controle dos traços semânticos de “nós” e “a gente” em estudos variacionistas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 64, p. e022032, 2022. DOI: 10.20396/cel.v64i00.8660585. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8660585>. Acesso em: 25 fev. 2023.

MOTA, Jacyra. Variação entre e e ei em Sergipe. *Estudos Linguísticos e Literários*, 5, UFBA, p. 119-128, 1986.

PATIL, Indrajeet. Visualizations with statistical details: The ‘ggstatsplot’ approach. *Journal of Open Source Software*, v. 6, n. 61, 2021. DOI: 10.21105/joss.03167. Disponível em: <https://www.theoj.org/joss-papers/joss.03167/10.21105.joss.03167.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2023.

PINHEIRO, Bruno Felipe Marques, *et al.* Processos fonológicos que passam da fala para a leitura. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan; ROIPHE, Alberto (org.). *Leitura, escrita e literatura: interseções e convergências*. São Cristóvão, EdUFS, 2017. p. 10-25.

R Core Team. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing. Vienna, Austria. 2014. Disponível em: <https://www.R-project.org>.

SANTOS, Gredson dos; ALMEIDA, Jailma da Guarda. O ditongo decrescente <EI> no português falado pela comunidade quilombola de Alto Alegre. *Letrônica*, v. 10, n. 1, p. 239-252, dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.1.25073>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/25073>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SCHWINDT, Luiz Carlos da Silva; QUADROS, Emanuel Souza de; TOLEDO, Eduardo Elisalde; GONZALEZ, César Augusto. A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 5, n. 9, p. 1-12, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/184784>. Acesso em: 02 set. 2021.

SILVA, Lucas Santos. *Análise acústica ou de oitiva? contribuições para o estudo da palatalização em Sergipe*. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2021.

SILVA, Thaís Cristófaró *et al.* *Fonética Acústica: os sons do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVEIRA, Luciana Morales da. *Monotongação em uso no português do sul do Brasil*. 146 f. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://linkss.app/LfiAz>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SOUZA, Rossana da Conceição Honorato de. *A monotongação do ditongo [ej] na fala do pessoense*. 32 f. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19842?locale=pt_BR. Acesso em: 26 abr. 2021.

SOUZA, Victor Renê Andrade; SILVA, Vitória Laís Santos; ARAÚJO JÚNIOR, Mauro Monteiro. Da fala à leitura: variação linguística na leitura em voz alta de estudantes da Universidade Federal de Sergipe. *Porto das Letras*, v. 6, n. 1, p. 167-199, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodas-letras/article/view/8350>. Acesso em: 02 set. 2021.

SOUZA, Victor Renê Andrade. Monotongação de ditongos decrescentes orais no português brasileiro: uma revisão sistemática da literatura. *REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM*, v. 30, n. 3, p. 1143-1184, jul 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.30.3.1143-1184>. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/18751>. Acesso em: 08 fev. 2023.

TOLEDO, Eduardo Elisalde. *A monotongação do ditongo decrescente [ej] em amostra de recontato de Porto Alegre*. 106 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/39409>. Acesso em: 26 abr. 2021.